

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o ser humano é inacabado e que a educação é um processo contínuo, constante e sistemático, nosso estudo tentou demonstrar ser possível um projeto de educação ambiental voltado para a 3ª idade.

Ao contactarmos com o grupo de idosos Acanguaçu, sentimos receptividade e muita curiosidade quando eram abordados os temas relativos ao meio ambiente. Nossas questões de pesquisa versaram sobre a análise das perspectivas que essas pessoas originárias da zona rural, com idade avançada, têm de seu entorno e de sua própria atuação, no sentido de uma avaliação quanto à preservação outrora. Percebemos o quanto se dizem “agradecidos e amantes da natureza”, contudo, ao lembrarem os riscos por que passaram e as dificuldades enfrentadas diante das adversidades, mostraram-se “sacrificados e castigados”.

No presente, sentem-se ainda ligados ao meio rural, com nostalgia, e com a sensação de que hoje os seus descendentes não tem o mesmo “amor” pelo que cultivam. Notadamente, conforme o estudo teórico, mesmo em se tratando de pessoas com pouca escolaridade, os idosos e idosas do grupo Acanguaçu são muito sensíveis ao discutir os novos tempos, os avanços da ciência e da tecnologia, sua própria vida longa saudável e a crise ambiental. Sobretudo, ao serem questionados

sobre o valor que sua experiência pessoal possa ter para as novas gerações, especificamente quanto ao meio ambiente, mostraram-se entusiasmados em tornar possível um colóquio mais estreito com seus descendentes e com os jovens em geral.

Portanto, a educação ambiental é uma tarefa difícil, mas não impossível, até com quem parece já ter conceitos solidificados, mesmo diante do cenário que nos parece desolador, numa crise ambiental que se mostra sem limites.

Repercutiram recentemente as revelações de estudos de centros de pesquisa, publicadas na mídia, indicando entre os dez fatos científicos mais importantes de 2003 as evidências crescentes de que o aquecimento das temperaturas globais começa a afetar o clima, as correntes oceânicas, os animais e as plantas (revista *Scienze*). As notícias apontam para novos indícios de derretimento de geleiras, de secas, de perdas agrícolas e de alterações comportamentais em animais e plantas. De forma concomitante, anunciam-se cotidianamente novas descobertas científicas que alteram a reprodução do ciclo natural. Controvérsias à parte, para uns, os avanços das descobertas científicas soam como maravilhas da realização humana, para outros, somam-se especialmente às incertezas já existentes diante do futuro.

Essas divulgações e as respectivas controvérsias reforçam a idéia de que a forma de se conceber e de se conviver com o meio ambiente tem se denotado ineficiente para sustentar a sociedade hoje, e muito menos pode-se ser otimista quanto a um futuro muito próximo. Seguramente, podemos concluir que nossas ações de subjugação dos bens naturais soam também como atividades contra a natureza e, hoje, proclamamos que nunca são impunes. Através do bom senso, sabemos inclusive ser um argumento falaz admitirmos que só aqueles setores da população os quais cometem delitos degradando os recursos naturais colherão, de

forma isolada, os frutos de suas inseqüências. Por ironia da história, todos estamos indissolavelmente vinculados à grande cadeia vital, sendo que os efeitos perversos constituem-se como mais democráticos do que gostaríamos.

Da mesma forma, assistimos no limiar do século XXI, a problemas gravíssimos relacionadas com as questões sócio-ambientais, vinculadas naturalmente, ao nosso sistema de produção e consumo, com reflexos nos relacionamentos e no meio ambiente como um todo.

Todo ser humano objetiva a tão sonhada felicidade, e não raras vezes, esse sonho encontra-se atrelado ao domínio sobre bens de consumo e sobre pessoas. Ser feliz, para grande parte das pessoas, significa acumular precívalis e descartáveis bens, mesmo que a conseqüência seja sujeitar-se a um cartão de crédito de saque ilimitado. O que importa é abrir as portas para a consecução de bens materiais, que englobam desde os mais elementares até os mais extravagantes possíveis. Sabemos, no entanto, que "os sonhos de consumo", no caso brasileiro ainda estão ao alcance de poucos, e a satisfação desses objetivos puramente consumistas transforma homens e mulheres em narcisistas num enraizamento do individualismo. E o efeito crucial, toda essa tendência a que aludimos no plano individual, verifica-se em escala maior, transformando a sociedade de consumo em nível local e global extremamente estratificada, injustamente diferente e progressivamente excludente.

Convivemos em todos os patamares, com realidades totalmente opostas: enquanto alguns setores investem na sofisticada corrida científica e tecnológica, outros espaços permanecem quase inabitáveis à parcela da população que reluta em conseguir os mínimos recursos de sobrevivência. Em âmbito local, verifica-se a mesma desproporção, ou melhor, uma desproporção ascendente. Em nosso país e

no nosso estado, enquanto se transplantam órgãos, garantindo a vida através de requintados recursos, pessoas sobrevivem do que encontram nos lixões. Ora, isso é tudo, menos resultado da implantação da educação ambiental.

Inverter essa mão-de-direção não é tarefa simples para a educação ambiental nem apresenta todos os efeitos imediatos almejados. Conjugam-se, entre outros aspectos, a questão individual e social, a adesão pessoal e a conversão institucional, o alargamento da cidadania e a implantação de políticas públicas. “Nem tudo depende da tomada de consciência; por vezes, as soluções encontradas ultrapassam a boa vontade e o conhecimento dos sujeitos sociais. Além do que, ocasionalmente, existe uma distância entre conhecimento e decisão na prática política” (RUSCHEINSKY e GARCIA, 2002, p. 24). Tais contradições podem ser localizadas tanto na prática social do cotidiano, quanto no âmbito da esfera política, da organização da sociedade. Nesse campo, localizamos grandes desafios para a educação ambiental, obstáculos de várias ordens.

Aliada a essas considerações, especialmente a educação ambiental parece predestinada a realizar essa utopia por apresentar-se essencialmente ética e eminentemente transformadora, cuja efetivação acontece a partir da reflexão de nossas simples atitudes do cotidiano, dirigindo-se até a crítica das relações mais complexas do poder constituído.

É urgente uma reflexão conjunta sobre nossas ações de co-participes no desastroso resultado da ação humana sobre o meio ambiente. Reflexão que objetiva ações comprometidas com as mudanças necessárias. Compreendemos que ninguém está desobrigado de participar das medidas que visem a uma nova maneira de pensar e agir. Nesta perspectiva, nossa pesquisa procurou analisar a ótica das

peessoas de 3ª idade sobre sua própria atuação no meio ambiente, tendo em vista compartilhar essa experiência com as novas gerações.

Nosso estudo, Meio Ambiente, Educação e 3ª Idade, procurou analisar os três temas de forma interligada, agrupando as manifestações colhidas em cinco categorias:

Na primeira, reunimos os depoimentos que demonstram a relação dessas pessoas com o meio ambiente. Ao desvelarmos o “olhar” dos idosos e das idosas sobre sua integração com o meio ambiente, foi-nos possível constatar o quanto a natureza para eles ora parecia a grande mantenedora, ora se tornava hostil. Daí a justificativa de que era preciso “vencer a natureza”, isto é, subjugar-la ajustando-se à visão antropocentrista.

Na segunda, quando colhemos suas representações sobre o meio ambiente, percebemos o quanto é equivocada a noção que têm sobre ele. Esta soa vaga e até sugere confusão com as instituições de controle ambiental. Suas idéias estão muito arraigadas ao conceito de progresso. Em outros termos: para haver desenvolvimento, é necessário sacrificar os recursos naturais.

Na terceira categoria de análise, agrupamos os itens relacionados com o trânsito dessas pessoas do meio rural para o urbano, e constatamos que a passagem aconteceu principalmente, por conta de uma busca por assistência à saúde e por bem-estar, indispensáveis para quem avança no tempo e está mais fragilizado.

Na quarta, verificamos suas representações sobre sustentabilidade e observamos que já existe entre eles a noção de que para a nossa civilização sobreviver, há de se aprender a adaptar-se aos limites do planeta, e não os ultrapassar.

Na quinta e última categoria, reunimos as opiniões de nossos pesquisados no que se refere à educação ambiental propriamente dita e os grupos de 3ª idade. Pudemos constatar que esses grupos organizados exercem uma significativa importância para eles, porque encontram lá a oportunidade de integração e participação, e são excelentes espaços para aprendizagem, na medida em que os revitaliza e lhes permite o contato com o inusitado. São lugares onde seus saberes são valorizados e onde as relações são espontâneas, configurando-se com ideais para que a educação ambiental possa ser mais um dos seus objetivos. Os idosos e idosas, nesse meio propício, podem refletir sua trajetória pessoal e predispor-se a atitudes novas no seu meio particular, com conseqüências mais amplas até atingir o global.

Como política, a educação ambiental amplia-nos a dimensão necessária para compreendermos que, acima de nossa comunidade familiar, da dimensão regional, encontra-se o âmbito nacional e sua conjugação de forças políticas. Além dessas esferas, existe e precisa ser considerado o âmbito na esfera mais ampla, que é a planetária. Em outros termos, é o consagrado lema ambientalista: agir local e pensar global.

De cunho necessariamente interdisciplinar, a educação ambiental resulta de uma experiência solidária: todos nela envolvidos partilham seus conhecimentos e seus anseios e todos ganham nesse aprendizado contínuo. Através da educação ambiental, é possível confluir de forma integrada várias áreas do conhecimento humano, cujo centro é a celebração da vida, no seu sentido mais profundo.

Tímidos passos já foram dados nessa longa caminhada em busca uma sociedade sustentável, alvo da educação ambiental. No percurso, muitos são os desafios, as controvérsias, as contradições e os interesses em jogo. No caso

brasileiro, após longos e acirrados debates na sociedade, entre setores do ambientalismo e do Estado, vem à luz e formalizada a Política Nacional de Educação Ambiental, Lei 9795/99, tendo como fundamentos a democracia e a justiça social. No entanto, sabemos que preceitos legais não bastam para alterar interesses enraizados e práticas consagradas. Por isso, Saito (2002, p. 50) prevê que, diante dela, estamos frente a quatro grandes desafios:

1º) *busca de uma sociedade democrática e socialmente justa*, quando se altera o foco exclusivo de uma visão naturalista e preservacionista, entendendo-se que o meio ambiente e a sociedade encontram-se intimamente ligados e, portanto, a busca de uma sociedade ambientalmente equilibrada só pode ser efetivada ao mesmo tempo em que se busca uma sociedade justa, igualitária e democrática. Tudo indica que a educação ambiental deve vislumbrar uma longa viagem pela frente;

2º) *desvelamento das condições de opressão social*. A preocupação social é imprescindível para a educação ambiental pois a lei prevê, explicitamente entre seus princípios, a vinculação entre ética, educação, trabalho e práticas sociais. Se os trabalhos de educação ambiental forem conduzidos de forma crítica, poderão trazer à tona as relações de dominação na nossa sociedade. Isso não deve ser feito, no entanto, somente com o intuito de denunciar o que está oculto ou mesmo explícito. A ação educativa voltada ao meio ambiente deve transpor esse limite para o estágio de comprometimento. O respeito à diversidade é uma atitude distinta da consagrada desigualdade social;

3º) *prática de uma ação transformadora intencional*. A intencionalidade é condição essencial nessa prática, que deve ser realizada de forma coletiva, conjugada com o individual nessa dimensão transformadora. As mudanças

perseguidas devem acontecer no plano da coletividade, das relações sociais e de poder, isto é, agregar o máximo possível para alargar o número e a qualidade dos envolvidos pelas práticas sociais do meio ambiente em um espaço geográfico, em busca de uma sociedade democrática e socialmente justa. Especialmente, a educação ambiental projeta a retomada do que é justo para com os recursos naturais: a democracia deve servir também para o meio ambiente; e

4º) *necessidade de contínua busca do conhecimento*, a qual está baseada no reconhecimento de que o processo de conhecimento da realidade ambiental é dinâmico e requer um diálogo entre peritos e leigos. A educação ambiental deve tomar em consideração um leque amplo de referências. As transformações no campo da ciência e da tecnologia exigirão, constantemente, não só uma readequação dos conhecimentos, sobretudo em função das mudanças na escala e na magnitude dos impactos na sociedade e ambientais, como também atentar para as incertezas apontadas pelo saber ambiental laico.

O último desafio remete-nos para a educação permanente, relativa a todas as idades e a múltiplos espaços sociais, o que é também uma das grandes preocupações da educação ambiental. Para responder a tal desafio, é preciso considerar que todo e qualquer tipo de intervenção no meio ambiente, na nossa realidade, faz igualmente nascer novas necessidades materiais e simbólicas. As novas demandas em termos de compreensão das relações sócio-ambientais interagem diretamente com as perspectivas assumidas pela educação ambiental.

Reforça-se uma vez mais nossa compreensão de que a educação ambiental pode incluir também os grupos da terceira idade, na medida em que esses grupos representam uma categoria emergente e recentemente dotada de um novo perfil. Em nossa compreensão, os grupos de 3ª idade, consolidados pelo Brasil afora, de

um lado, devem muito à universalização de aposentadorias ou pensões, de outro, formam uma diversidade quanto a objetivos, contextos e atividades.

Nos depoimentos do grupo Acanguaçu, observa-se claramente que um dos atrativos que tornou viáveis suas vindas para a cidade, depois de anos morando na zona rural, foi a busca de segurança oferecida na cidade à saúde deles. Os próprios grupos de 3ª idade são pólos de informação para se manterem com saúde e buscarem seus direitos de cidadãos.

→ Os dados estatísticos a respeito da demografia comprovam que o segmento social, cujo índice tem mais crescido nas últimas décadas, é o representado pelas pessoas acima de 60 anos. Muitos fatores contribuíram para que esse fenômeno ocorresse, principalmente os avanços da medicina, tidos como capazes de controlar a natalidade, reduzir a mortalidade infantil, diminuir o índice de epidemias pelas vacinas, de prevenção de doenças, entre outras medidas. Várias outras ações benéficas decorreram da própria evolução dos conceitos de higiene e saneamento básico, bem como da conscientização de uma alimentação mais equilibrada e acesso a cuidados específicos de saúde física e mental. Enfim, foi a melhoria do meio ambiente, em seu sentido amplo, que propiciou modificações no funcionamento do corpo com repercussões sobre a longevidade.

→ Esse processo de transição demográfica, na sociedade contemporânea, sem dúvida, revela o avanço nas implementações de políticas sociais voltadas para tal setor, as quais cobrem os serviços de saúde e benefícios previdenciários e assistenciais. Enquanto ascendem os índices de longevidade, decrescem os de natalidade, com previsíveis implicações ambientais. As amostras divulgam uma tendência na formação de uma nova pirâmide etária, isto é, a humanidade encaminha-se para uma nova distribuição nos espaços ocupados pelas diferentes faixas de idade, aproximando-se de um equilíbrio populacional.

Se o envelhecimento da população, combinação do aumento da expectativa de vida com a queda da natalidade é uma espetacular conquista, não deixa de acarretar, também, muitas preocupações por todas as implicações que esse fenômeno abrange. A sociedade brasileira, no momento, procura estruturar-se ainda no setor de políticas públicas para dar conta das inúmeras especializações necessárias em diversas áreas que possam atender às exigências dos idosos, bem como de políticas públicas para mantê-los socialmente atendidos.

A Gerontologia, que analisa os idosos sob o ângulo psicossocial, procura valorizar o espaço cultural onde se movimenta o idoso, considerando que os aspectos culturais são relevantes na medida em que se constituem num quadro referencial fundamentalmente orientando a visão de mundo.

O fenômeno do vertiginoso acréscimo dos anos de vida é uma tendência mundial, sendo visível até mesmo nas sociedades mais empobrecidas, incitando medidas urgentes na sociedade, no sentido de reordenamento para absorver as demandas ocasionadas em virtude das novas características que apresenta esse extraordinário evento. Como já foi referido, a educação ambiental está incluída nesse processo de reestruturação.

Face à presença imperativa dos cronologicamente bem dotados e, em razão de a sociedade enfocá-los sob a ótica de que, se estão vivos, precisam de uma boa qualidade de vida para diminuir o peso acarretado com as implicações advindas, deduzimos que é de crucial importância o papel da educação ambiental nessa conjuntura.

Historicamente, os idosos estavam freqüentemente desobrigados a questionar e emitir juízos, perdurando imersos numa letargia à espera da morte. Por tais motivos e por se tratar de um grupo singular, os educadores envolvidos nessa tarefa

são desafiados a gerar conhecimento que transcenda evitar ou atrasar doenças, assim como signifiquem a busca do engajamento pleno na vida (SOUZA, 2002, p. 34).

Em contrapartida, os pesquisadores dedicados a essa faixa etária relatam que, na atualidade, os idosos estão descobrindo um novo papel social e têm demonstrado anseios por mudanças. Grande parte está à procura de espaço onde possam concretizar novos projetos de vida ou realizar sonhos adiados.

Sem sombra de dúvidas, os grupos de convivência orientados para a 3ª idade desempenham relevância no descobrimento de potencialidades existentes em pessoas em idade avançada, devolvendo-lhes dignidade e favorecendo o despertar de sujeitos sociais. Verificamos em nossa pesquisa de campo que, entre as temáticas apropriadas para os novos sujeitos, encontra-se a questão ambiental pois, uma vez fora do mercado de trabalho, é possível agregar um novo olhar sobre a realidade.

Através de nossa pesquisa, constatamos a importância de tais grupos na recuperação da auto-estima, e por conseqüência, constituem-se em escolas para a cidadania ambiental. Através das observações de campo e da análise de seus depoimentos, constatamos disposição para o inusitado, facilidade para novos relacionamentos e o rejuvenescimento da alegria de viver.

Nosso estudo, entre outros objetivos, procurou identificar, em suas manifestações e comportamentos, pontos que pudessem favorecer um projeto de educação ambiental e a existência de condições para a partir disso elaborar empreendimentos viáveis às novas gerações. O grupo pesquisado demonstrou-se orgulhoso com a expectativa de compartilhar com os mais jovens a sua vivência de outrora, contribuindo para que se efetive a educação ambiental. Com isso,

gostaríamos de esclarecer que não existe uma proposta de educação ambiental exclusiva para os grupos de 3ª idade.

Verificamos que, no Grupo de Idosos Acanguaçu, já existem homens e mulheres que possuem noções esparsas sobre meio ambiente, ecologia, sustentabilidade, entre outras informações. No entanto, comprovamos, também, que, para alguns, esses são temas sobre os quais jamais tinham refletido ou sobre os quais não são capazes de discursar.

Quando indagados sobre as práticas do passado que pudessem ter comprometido o meio ambiente, notou-se que alguns têm noção de que contribuíram para os efeitos negativos sentidos hoje. Pelas narrativas, eles demonstraram que desconheciam os efeitos de uma plantação próxima aos arroios, do desmatamento para aumentar as lavouras, etc. Como eles mesmos citaram, os meios de informação eram poucos e não havia instituições específicas que pudessem orientá-los. Considerando-se que cada época possui o seu horizonte cultural, é de se compreender que estavam naturalmente movidos de espírito depredador, mas como prática rotineira na época, sem o alcance para examinar e discernir as conseqüências futuras.

A respeito de aprofundar conteúdos quanto aos cuidados com a natureza, mostraram-se receptivos e interessados, bem como quanto a dialogar com as novas gerações sobre o tema, pareceu-nos que acharam desafiador e interessante.

Nossa pesquisa não objetivou avaliar nem condenar atitudes depredatórias realizadas no passado. Até porque a atuação de pequenos agricultores analfabetos ou semi-alfabetizados, mesmo que devastadora em relação a plantas e à diversidade biológica, mostra-se de pouca monta se comparada à degradação implicada pelos dejetos da concentração urbana e pela ação das indústrias. As

últimas, no mesmo período, não consolidaram um sistema universal de coleta e tratamento de resíduos e as indústrias mostravam-se ávidas por lucros a qualquer preço, poluindo e destruindo aleatoriamente o ecossistema. Contudo, esse exercício reflexivo sobre suas práticas do passado e do presente é de fundamental valor para a educação ambiental. No momento em que examinam suas posturas, mesmo que mínimas, podem estar se preparando para fiscalizar atos e comportamentos de importante significado no contexto local ou global. Pode ser exatamente nesse aspecto que começam a acontecer as mudanças desejáveis e necessárias para a sustentabilidade.

→ Reafirmamos o quanto seria salutar um projeto de educação ambiental para a terceira idade, marcadamente através desses grupos de convivência, espaços considerados ideais, porque, no momento, representam um lugar adequado para resgate da vida e ressignificação da velhice. No entanto, nossa pesquisa também permite afirmar que ainda são tênues as iniciativas de câmbio na compreensão da questão ambiental, da sociedade de consumo e da sustentabilidade. Especialmente porque acreditamos que a própria educação ambiental ainda está procurando o seu lugar ao sol.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CIÊNCIA e a barbárie. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 24, 16 abr. 2003.

A SOCIEDADE e os idosos. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 12, 05 mar. 2003.

A TERCEIRA idade do mundo. *Zero Hora*. Porto Alegre, 09 abr. 2002.

A VELHICE bate à porta. *Zero Hora*. Porto Alegre, 03 jun. 2002.

ALMEIDA, A. M. de O. A trama da vida: maturidade e gênero. *Humanidades: 3ª idade*, Brasília: Ed. da UnB, n. 46, Out. 1999.

ALMEIDA, J. R. de et all. *Planejamento Ambiental: caminho para participação popular e gestão ambiental para nosso futuro comum: uma necessidade, um desafio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex; Ed. Biblioteca Estácio de Sá, 1999.

ALVES FILHO, Francisco. Retrato do Brasil. *Revista ISTO É*. São Paulo, n. 1763, p. 36, 16 jul. 2003.

ANDREI NETTO. Idosos tomam mais conta de si. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 34, 26 jul. 2002.

BAKKER FILHO, J. P. (org.) *É permitido colher flores? Reflexões sobre o envelhecer*. Curitiba: Champanhath, 2000.

BALTES, P. B. Introdução. In: NERI A. L.(Org). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.

BÁRCENA, A. Apresentação. Cidadania Ambiental. In GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C.: *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Lisboa Edições, [s.d.], p. 70-79.

BARRETO, F. F. P. Espaços para a 3ª idade. *Humanidades: 3ª idade*, Brasília: Ed. da UnB, n. 46, p. 54-65, Out. 1999.

BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. de. *A Velhice: realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Gênesis, 1,28.

BOBBIO, N. *O tempo da Memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOFF, L. *Ecologia, Grito da Terra, Grito dos Homens*. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. *Saber Cuidar: ética do humano: compaixão pela Terra*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORGES, P. O poder das letras. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 jul. 2003, p. 15.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed.da USP, 1987.

BRANCO, S. M. *O meio ambiente em debate*. 17. ed. São Paulo: Moderna, 1988. (Coleção Polêmica)

BRASIL avança para ser 6º em idosos. *Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 8, 25 jul. 2001

BRASIL Ministério da Saúde. M.S. Disponível em:  
< [www.saúde.gov.br/programasidoso](http://www.saúde.gov.br/programasidoso) >. Acesso em: 12 dez. 2001.

BRASIL. Lei nº 9795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries)*: Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, L. Poluiu, Pagou. *Revista Veja*. São Paulo, ano 34, n. 18, p. 11-15, 09 maio 2001.

BUBLITZ, Juliana O sorriso de volta na terceira idade. *Zero Hora*. Porto Alegre, 28 maio 2003.

CAMARGO, A.T. *O desenvolvimento sustentável e o Direito Ambiental*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul: 2000.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sabedoria Incomum: conversas com pessoas notáveis*. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARVALHO NETO, J. B. P. Velhos e Idosos. In: BAKKER FILHO J.(Org) *É permitido colher flores?* Reflexões sobre o envelhecer. Curitiba: Champanhat, 2000.

CASCINO, F. *Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.

CASTRO, O. P. de. (Org.) *Velhice, que idade é essa?* Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese, 1998.

CAVALCANTI, C.(org.) *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez; Recife:Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

CHAUI, M. de S. Os trabalhos da Memória. Apresentação. In: BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A.Queiroz: Ed. da USP, 1987.

CHOPRA, D. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras: a alternativa quântica para o envelhecimento*. 9. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COLOGNESE, S. A. e MELO J. L. B. A técnica de entrevista na Pesquisa Social. In: *Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas*. v. 9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998. p. 143-159. Cadernos de Sociologia

CONCEIÇÃO, M. C. F. da. O meio ambiente, os poderes do estado e a educação ambiental. *Revista da EMERJ*, v.3, n.12, p. 41-47, 2000.

COPACABANA velha de guerra. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 ago. 2001.

CORSON, W. ed. *Manual Global de Ecologia: O que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente*. 2. ed. São Paulo: AUGUSTUS, 1996.

CORTES, S. M.V. Técnica de coleta e análise qualitativa de dados. *Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas*.. Vol. 9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998, p. 11-47. Cadernos de Sociologia.

COTRIM, G. e PARISI, M. *Fundamentos da Educação - História e Filosofia da Educação*. São Paulo: Saraiva, 1981.

CUSTÓDIO Aline , A capital nacional dos idosos. *Zero Hora*. Porto Alegre, 22 mar. 2002.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Ed. da USP; Fapesp, 1999.

DEBERT, G. G. Envelhecimento e Representação da Velhice. *Revista Ciência Hoje*. Campinas, v. 8, n. 44, p. 61-68, jul. 1988.

DEWES, H. Por que envelhecemos? *Zero Hora*. Porto Alegre, 25 jun. 2003.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: Princípios e práticas*. 5. ed. São Paulo: Global, 1998.

DUBOS, R. *Namorando a Terra*. São Paulo: Melhoramentos, 1981

ERIKSON, E. H. *O ciclo completo da vida*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ESTAMOS vivendo mais. *Zero Hora*. Porto Alegre, 05 dez. 2001.

ESTATUTO do Idoso é aprovado no Senado. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 29, 24 set. 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

→ FREITAS, L. C. B. F. de. Perspectiva histórico-cultural do idoso no Brasil do século XXI. In GUIDI M. L. M e MOREIRA M. R. de L. P. (Orgs). *Rejuvenescer a Velhice: novas dimensões da vida*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

GADOTTI, M. *Escola cidadã. Uma aula sobre a autonomia da escola*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GAIARSA, J. A. *Como enfrentar a velhice*. São Paulo: Ícone; Campinas: Unicamp, 1986.

GIUBILEI, S. Uma pedagogia para o idoso. *Revista A Terceira Idade*, [s.l.]: SESC ano V, n. 7, jun. 1993. p. 10-14.

GOMES, L. Papel da Geriatria: aliado à técnica, muito amor. *Humanidades: 3ª idade*, Brasília: Ed. da UnB, n. 46, p. 110-117, Out. 1999.

→ GONÇALVES, C. W. P. *Os (dês) caminhos do meio ambiente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990.

GORE JUNIOR, Albert. Na rota de colisão. *Revista Planeta*, São Paulo, ed. 365, ano 31, n. 2, p. 50-55, fev. 2003.

GOULD, S.J. A regra de ouro: uma escala adequada para nossa crise ambiental. In: *Dedo mindinho e seu vizinho*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Três aspectos da evolução. In: BROCKMAN, J. & MATSON, K.(orgs.). *As coisas são assim: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente, *Conceitos para se fazer Educação Ambiental*. 2. ed. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1997.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Meio Ambiente. *Código do Meio Ambiente*. Rio Grande do Sul: Secretaria do Meio Ambiente, 2000.

GRECCO, Sheila. O vovô virou papai. *Revista Veja*. São Paulo, ano 35, n. 13, ed. 1745, p. 68, 03 abr. 2002.

GROSSI, E. *A coragem de mudar em educação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GROTH, S. M. É possível envelhecer? In: TERRA N. L. e DORNELLES B. (Orgs). *Envelhecimento Bem-Sucedido*. Programa Geron. PUCRS.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GUATARRI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1995.

GUIDI, M. L. M. A aposentadoria e a reorganização da identidade social. In: GUIDI, M. L. M e MOREIRA M. R de L. P. (Orgs). *Rejuvenescer a Velhice: novas dimensões da vida*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

GUIVANT, J. S. A trajetória das Análises de Risco: Da Periferia ao Centro da Teoria Social. *BIB Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 3-38.2º sem. 1998

GUTIÉRREZ, F. e PRADO, C. *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

HADDAD, E. G. de M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAWKEN, P. e LOVINS, A. e LOVINS, L. H. *Capitalismo Natural: criando a próxima revolução industrial*. São Paulo: Cultrix, 1999.

HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Trad. Ana Beatriz Rodrigues e Priscilla Martins Celeste. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HOUAISS, A e VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBIAS, C. I. Velhice e vida, uma parceria a ser vivida. In: TERRA N. L. e DORNELLES B. (Orgs). *Envelhecimento Bem-Sucedido*. Programa Geron. PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

IZQUIERDO, I. Memória sem idade. *Zero Hora*. Porto Alegre, 22 set. 2001. Caderno Vida .

LACERDA, M. L. L. Direito dos Idosos. In: GUIDI M. L. M.; MOREIRA M. R. de L. P. (Orgs). *Rejuvenescer a Velhice: novas dimensões da vida*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

LEITE, Marcelo. Idade não define fronteira da velhice. *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 set. 1999. Cadernos Especiais.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, G. F. da. Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Orgs); *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, A. M. L. Velhice: encantos, desencantos... reencantos. *Humanidades: 3ª idade*, Brasília: Ed. da UnB, n. 46, out. 1999.

MOREIRA, M. L. C. Relacionamento familiar entre gerações. In: GUIDI, M. L. M.; MOREIRA, M. R. de L. P. (Orgs). *Rejuvenescer a Velhice: novas dimensões da vida*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

MOREIRA, R. *O que é Geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MOSER, A.; AMORIM, C. Qualidade de vida na maturidade: perspectiva psicológica. In: BAKKER FILHO, J. (Org). *É permitido colher flores? Reflexões sobre o envelhecer*. Curitiba: Champanhart, 2000.

MOSQUERA, J. J. M. *Vida Adulta, Personalidade e Desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. *Educação Ambiental enquanto educação permanente*. Porto Alegre: VERITAS, v. 29, n. 116, dez. 1984, p. 523-533.

NALINI, J. R. Doutrina e ética ambiental. *LEX- Jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça*. Brasília, ano 14, n. 149, p. 9-18, jan. 2002.

NERI, A. L. (org.). *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1995.

NEVES, C. E. B. Apresentação. *Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998, v. 9, p. 7-9. *Cadernos de Sociologia*

NOVAES, M. H. *Psicologia da 3ª idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. 2. ed. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

O RANKING da idade. *Revista Veja*. São Paulo, ano 35, n. 15, ed. 1747, p. 28, 17 abr. 2002.

PÁDUA, S. M. de. Apresentação. *Conceitos para se fazer Educação Ambiental*. 2. ed. Brasília: Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, IPE- Instituto de Pesquisas Ecológicas, UNICEF, UNESCO, MEC, 1997. p. 7-9.

PELLIZZOLI, M. L. *A emergência do paradigma ecológico: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PETERSON, P. G. A idade não define a fronteira da velhice. *Folha de São Paulo*. 26 set. 1999. Cadernos Especiais.

PIKUNAS, J. *Desenvolvimento Humano: uma ciência emergente*. Trad. Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

PINTO, C. R. J. O sujeito insuficiente: a dupla face do esgotamento do sujeito político no fim do século XX. In: SANTOS, J. V. T. (Org). *Violência em tempos de globalização*. [s.l.]: Hucitec, 1999. p 101-117.

POBRES velhos. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 22, 12 abr. 2002

POBREZA e violência entre idosos e joven. *Zero Hora*. Porto Alegre, p. 41, 05 abr. 2001.

POELMAN, J. *Auto-realização e assertividade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

POPULAÇÃO idosa avança para 8,6%. *Jornal Correio do Povo*. Porto Alegre, p. 15, 26 jul. 2002.

PORTO, I. O idoso no grupo de convivência e a construção da cidadania. In: *Momento, Revista do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento*. Rio Grande: Ed. da FURG, v.15, p. 131-146, 2002

PRATES, A. A idade não define a fronteira da velhice. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 set. 1999. Cadernos Especiais.

PROOPS, J; FABER, M; MANSTETTEN, R. e JÖST F. Realizando um mundo sustentável e o papel do sistema político na consecução de uma economia sustentável. In: CAVALCANTI, C. (Org.). *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1997.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre idosos. *Revista Sociologias*, ano 4, n. 7, jan./jun. 2002. Saúde e Gerações.

REIGOTA, M. *Ecologia, Elites e Intelligentsia na América Latina: um estudo se suas representações sociais*. São Paulo: Annablume, 1999.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 1994.

ROSA, M. *Psicologia da Idade Adulta*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RUSCHEINSKY, A. ; GARCIA, N. S. A presença de aspectos das representações sociais na construção da pedagogia para a educação ambiental. *Momento*. Revista do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento, Rio Grande: FURG, v. 15, p. 7-26., 2002.

\_\_\_\_\_. As rimas da ecopedagogia: uma perspectiva ambientalista. In: RUSCHEINSKY, A. et all. *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUSCHEL, A. E. Envelhecimento e Gênero: A construção de um novo tempo. In: CASTRO, O. P. de (Org). *Velhice: que idade é essa? Uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre: Síntese, 1998.

SÁ, G. P. de. Congresso de medicina. *Zero Hora*. Porto Alegre, 02 maio 2001.

SABÓIA, A. L. População idosa cresce para 8,6%. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 jul. 2002.

SAITO, C. H. Política Nacional de Educação Ambiental e Construção da Cidadania: desafios contemporâneos. In: RUSCHEINSKY, A. et all. *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, B. de S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, M. P. Algumas considerações sobre Envelhecimento e Atividade Física. *Humanidades: 3ª idade*, Brasília: Ed. da UnB, n. 46, p. 24-32, Out. 1999.

SILVA, I. R. *Papéis sociais e envelhecimento, numa perspectiva de curso de vida*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

SILVA, J. C. da. Terceira Idade e Cidadania. In: CASTRO O. P. de (Org) *Velhice: que idade é essa? Uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre: Síntese, 1998.

SOFFIATTI, A. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LOUREIRO, C. F. B; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de. (Orgs). *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

SORRENTINO, M. Desenvolvimento Sustentável e Participação: algumas reflexões em voz alta. In: LOUREIRO, C. F. B; LAYRARGUES, P. P e CASTRO, R. S. de. (Orgs). *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA Cruz 100 anos: uma nova fábrica em Cachoeirinha. *Zero Hora*. Porto Alegre, 25 abr. 2003. Encarte especial.

SOUZA, J. da C. (org.). *Guia do Meio Ambiente: coletânea de temas*. Brasília: Tablóide, 1992.

SOUZA, V. B. de A. A motivação do idoso para reaprender a aprender: um desafio para propostas de intervenção educativa. In: TERRA, N. L.; DORNELLES, B. (org). *Envelhecimento Bem-Sucedido*. Programa Geron, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VARANI, G. B. L. C. e SANTOS, G. A. O percurso da totalidade na PUCRS. In: TERRA, N. L. e DORNELLES, B. (org). *Envelhecimento Bem-Sucedido*. Programa Geron, PUCRS. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

VIANA, R. M. e HOEFFEL, J. L. A ecologia do amor. In: *Conhecimento, cidadania e meio ambiente*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.

VIOLA, E. O movimento ecológico no Brasil (1974- 1986): Do ambientalismo à ecopolítica. In: PADUA, J. A. (Org). *Ecologia e Política no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: IUPERJ, 1987.

WIEZZER, M. L. e OVALLES, O. *Manual Latino-Americano de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia, 1995.

APÊNDICE

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Identificação: Nome- Data do nascimento- Escolaridade.
- 2) Região do município onde ocorreu o nascimento, infância e juventude.
- 3) Extensão aproximada da propriedade da família; Tipo de habitação ( alvenaria, madeira, torrão...)
- 4) Tempo de permanência em companhia da família. Motivo da saída: casamento, desavença, outros motivos de independência...
- 5) Principais mudanças ocorridas na nova etapa da vida.

Questões para serem respondidas:

- 6) Quanto tempo o sr (a) viveu na zona rural?
- 7) Quando morava na zona rural, o que o sr (a) e sua família cultivavam na terra? Havia algum tipo de preocupação para a chuva não levar as riquezas da terra? Usavam algum tipo de fertilizante, adubo? Faziam seu próprio adubo? Havia jardim?
- 8) Havia criação de gado? Que tipo? Era para o gasto ou para negócio? Havia animais domésticos? Quais?
- 9) Era costume derrubar árvores? Com que finalidade?
- 10) Eram feitas queimadas? Com que finalidade?
- 11) Havia água na propriedade? Como era usada?
- 12) Quantas horas por dia, mais ou menos trabalhavam?
- 13) Que doenças o sr (a) teve enquanto morador da zona rural? Estas doenças, na sua opinião, podem estar ligadas ao contato com algum animal, plantas, adubos ou algum tipo de comida?
- 14) Acha que a terra é fonte inesgotável de riqueza? Tudo que se planta dá? Por que se usa veneno?
- 15) O que representava para o sr(a), o contato direto com o meio ambiente:
  - A natureza e os bichos eram considerados amigos, um presente de Deus, que garantia o seu sustento?
  - Ou a natureza era considerada um mistério, uma inimiga que precisava ser dominada para que pudessem sobreviver?

- 16) Havia vontade de sua parte, em permanecer na zona rural? Ou era tudo muito penoso, a ponto de provocar a ansiedade de vir para a cidade, para outro tipo de atividade?
- 17) Há quanto tempo o sr (a) está na cidade?
- 18) O sr (a) sente saudades daquela vida mais perto da natureza: bastante ar puro, água correndo, animais ...?
- 19) Que hábitos foram mantidos na cidade: jardim, horta, animais domésticos?
- 20) Na sua opinião, onde as pessoas têm mais solidão: na cidade ou na zona rural?
- 21) Na sua casa, atualmente que destino é dado aos resíduos que sobram, como comida, papel...? Onde é colocado o lixo?
- 22) Como é o uso da água em sua casa? Há algum cuidado especial no uso?
- 23) Quais os principais problemas que existem na cidade que nos prejudicam? Já prestou atenção na fumaça dos carros? E o trânsito?
- 24) E os remédios, só fazem bem?
- 25) Na sua opinião, o que é o meio ambiente? Quem faz parte?
- 27) Na sua opinião, a natureza era mais cuidada no passado, quando o sr.(a) estava em plena produtividade, isto é, há mais ou menos 40 anos atrás, ou hoje as pessoas são mais zelosas? Por quê?
- 28) Que comportamentos positivos sua geração teve, de forma a preservar o meio ambiente, isto é, que atitudes eram tomadas com o objetivo de conservar a natureza? Dê exemplos.
- 29) Que comportamentos negativos sua geração teve, que na sua opinião, ajudou a prejudicar o meio ambiente, isto é, que atitudes eram tomadas, de forma consciente ou inconsciente, que teve conseqüências nefastas? Dê exemplos.
- 30) A sua experiência pessoal no trato com a terra, água, animais e plantas, pode servir de exemplo para a educação das novas gerações? Se pudesse voltar atrás no tempo, em que mudaria?
- 31) O que é mais importante: aumentar a produção de alimentos ou cuidar do meio ambiente? É possível as duas coisas acontecerem simultaneamente?
- 32) E o grupo de 3ª idade o que representa? Por que foi procurado?
- 33) De que atividades o sr.(a) participa?
- 34) Estas reuniões, passeios, bailes... ajudam as pessoas a viver melhor? Ajudam também a melhorar o meio ambiente?

35) Existe alguma atividade no grupo que promova a melhoria do meio ambiente?  
Explica.

36) Gostaria de participar de alguma atividade para ajudar a preservar o meio ambiente?